

O BRILHO DOS OLHOS
O que é que nos arranca do nada?
por Julián Carrón

CAPÍTULO 2
«COMO PREENCHÊ-LO, ESTE ABISMO DA VIDA?»

A pergunta que colocámos no centro da nossa atenção é fundamental: «O que é que nos arranca do nada?». Como é que podemos, no inevitável drama da vida, não sucumbir à nossa vulnerabilidade e à nossa impotência? O que é que pode responder ao vazio de sentido? O choque provocado pelo Coronavírus, que abalou cada um de nós fazendo-nos rezear pelas nossas vidas, tornou ainda mais premente a pergunta, colocando-nos na condição de triar com maior clareza as tentativas de resposta.

1. Tentativas insuficientes

a) Argumentos que já não prendem ninguém

Alguns pensam que basta *um discurso* para vencer o desafio do nada que avança. Mas os meros discursos, como a nossa experiência nos demonstra, não chegam. Um pensamento, uma filosofia, uma análise psicológica ou intelectual não são capazes de fazer recomeçar o humano, de voltar a dar fôlego ao desejo, de regenerar o eu. As bibliotecas estão cheias disso e, com a Internet, tudo está ao alcance da mão, mas ainda assim o nada espalha-se. Tornamo-nos tanto mais conscientes desta insuficiência quanto mais prestamos atenção ao que se agita no íntimo de cada um de nós. «No ser humano está em jogo alguma coisa que é obscurecida, suprimida, ignorada, distorcida. Como penetrar em tal couraça, e como saber se é esta a sua aspiração última? Empenhados no estudo do comportamento humano, demasiadas vezes descuramos a desorientação humana».⁵⁰

Quantas palavras, daquelas que ouvimos e que até dizemos, caem em saco roto! É o que denuncia Shakespeare com o seu modo ardente: «Fala muito, diz uma infinidade de nada. Um arrazoado como dois grãos de trigo perdidos em dois palmos de palha: procuram-se o dia todo sem se acharem, e quando se encontram não valeram a procura».⁵¹ A razão pode andar em círculos com argumentos privados de conteúdo real. «A inteligência [...] sempre tentou desviar-se para um jogo de conceitos pelos quais se pode deixar fascinar, sem se dar conta de ter assim despedaçado a ligação que a une ao real».⁵²

Não basta, em suma, propôr conceitos, por mais corretos e justos que sejam; não é isso que pode conquistar a vida e saciar a sede que a caracteriza. Não é tampouco um «discurso religioso» – «uma súpula de várias ideias desarticuladas que não conseguirão mobilizar os outros»⁵³ – que pode arrebatat o homem de hoje. Não é suficiente ter uma visão religiosa, falar de Deus, da transcendência ou do divino para sair do pântano do niilismo. Pode ser-se culturalmente religioso, ou até cristão, e experimentar o vazio da existência, até ao desespero, para lá das palavras que se dizem e dos valores que se proclamam. Não serão as prédicas abstratas ou moralistas – sejam elas religiosas ou laicas – que nos arrancarão do nada. Por isso, Evdokimov escreve: «Os discursos já não bastam, o relógio da história marca a hora em que já não é só uma questão de falar de Cristo, mas antes de *nos tornarmos Cristo*, lugar da sua presença e da sua palavra».⁵⁴ Os conceitos, mesmo quando são todos perfeitos, não conseguem produzir nem sequer um vestígio daquilo que pode vencer o nada. A gnose, em

⁵⁰ A.J. Heschel, *Chi è l'uomo?*, SE, Milão 2005, p. 18.

⁵¹ W. Shakespeare, *O mercador de Veneza*, Ato I, Cena I.

⁵² F. Varillon, *L'umiltà di Dio*, Qiqajon – Comunidade de Bose, Magnano (Bi) 1999, p. 30.

⁵³ Francisco, Exortação apostólica *Evangelii gaudium*, 147.

⁵⁴ P.N. Evdokimov, *L'amore folle di Dio*, San Paolo, Cinisello Balsamo (Mi) 2015, p. 63.

qualquer versão, não pode competir contra o niilismo existencial, concreto. E não basta mudar os conceitos e aumentar os nossos conhecimentos intelectuais para nos safarmos.

Dostoievski exprime à sua maneira a sua intolerância diante de um discurso vazio de experiência real: «Todas estas conversas de consolo, todos estes contínuos, incessantes lugares-comuns, sempre iguais, tornaram-se para mim odiosos, ao ponto de [...] me acontecer corar até se outra pessoa, e não estou a falar de mim, falar disso na minha presença».⁵⁵ Mas a razão de tal intolerância – que no nosso tempo se tornou invasiva e que nós próprios experimentamos na primeira pessoa – é assinalada por von Balthasar: «Num mundo que se julga mais capaz de afirmar o belo, os argumentos a favor da verdade esgotaram a sua força de conclusão lógica: ou seja, os silogismos giram segundo um ritmo pré estabelecido, como máquinas rotativas ou calculadoras eletrônicas que têm de cuspir um determinado número de dados por minuto, mas o processo que leva à conclusão [destes raciocínios, destes silogismos] é um mecanismo que já não prende ninguém e a própria conclusão já não conclui».⁵⁶ Podemos dizer coisas que até são verdadeiros, mas, na medida em que não acontecem diante dos nossos olhos como uma beleza concreta que atrai – «*pulchritudo est splendor veritatis*»,⁵⁷ o belo é o esplendor da verdade, afirma São Tomás –, já não prendem ninguém, nem a nós, nem aos outros. Com efeito, diz ainda von Balthasar, «se ao *verum* falta aquele *splendor* que para Tomás constitui o sinal do belo, então o conhecimento da verdade continua a ser quer pragmático, quer formalista».⁵⁸

b) Uma multiplicação das regras

Outros pensam que o antídoto para o niilismo existencial é uma *ética*. Multiplicam-se assim os apelos ao dever, às «coisas a fazer», que podem até conquistar uma obediência, um obséquio, com vista à própria sobrevivência e às diversas conveniências, mas não respondem minimamente ao mal estar do eu, à sua urgência de sentido. «Faltando o significado, resta apenas o dever, uma obrigação inútil, que me puxa ainda mais para o fundo»,⁵⁹ dizia o jovem amigo que citei anteriormente. É uma percepção bem expressa por Tolstoi: «Sempre, depois destes despertares, Nechljudov estabelecia regras, que se propunha observar eternamente; mantinha um diário, e começava uma vida nova, da qual esperava nunca se desviar: *turning a new leaf* [voltar a página], como dizia a si mesmo. Mas depois, de cada vez, [...] voltava a cair, e muitas vezes caía ainda mais baixo do que o ponto de onde tinha partido».⁶⁰ A ética, mesmo sendo louvável, não basta. E é de novo von Balthasar a desvelar a razão profunda: «Se ao *bonum* falta aquela *voluptas* [aquele fascínio que atrai a nossa pessoa e permite uma experiência de plenitude, de gozo] que para Agostinho é o sinal da sua beleza, então a relação com o bem mantém-se utilitarista e hedonista».⁶¹

Conhecemos todos a fragilidade de qualquer tentativa de apoiar a resposta para a sede de cumprimento, de plenitude, num esforço moral, numa medida própria de empenho. No entanto, se em adultos nos habituamos a conviver com a incapacidade de os projetos, os programas de vida e as «coisas a fazer» satisfazerem a exigência que vem do fundo de nós, nos jovens a percepção do vazio e a fome de sentido são ardentes – mesmo quando são dissimuladas – e procuram de qualquer modo, talvez de forma contraditória, vias de satisfação ou de fuga. Num artigo que apareceu há uns meses no *Corriere della Sera*, com o título «Frágeis e sós, é assim que caem os nossos jovens», Susanna Tamaro escrevia: «Não há fim de semana em que não seja reportada a triste crónica de grupos de amigos que perdem a vida despistando-se nas estradas no final de uma noite de farra na discoteca.

⁵⁵ F. Dostoievski, *Delitto e castigo*, Mondadori, Milão 2010, p. 188.

⁵⁶ H.V. von Balthasar, *La percezione della forma. Gloria. Una estetica teologica*, vol. I, Jaca Book, Milão 2005, p. 11.

⁵⁷ «*Pulchritudo consistit in duobus, scilicet in splendore, et in partium proportione. Veritas autem habet splendoris rationem et acqualitas tenet locum proportionis*» (São Tomás, *Commentum in Primum Librum Sententiarum*, distinctio III, quaestio II, expositio primae partis).

⁵⁸ H.V. von Balthasar, *La percezione della forma. Gloria. Una estetica teologica*, op. cit., p. 138.

⁵⁹ Ver p. 6 do Capítulo 1.

⁶⁰ L. Tolstoi, *Resurrezione*, Sansoni, Florença 1965, p. 136.

⁶¹ H.V. von Balthasar, *La percezione della forma. Gloria. Una estetica teologica*, op. cit., p. 138.

Para tentar limitar esta trágica realidade, evocam-se novas estratégias: mais controlos, testes de álcool à saída dos locais, meios de transporte que possam levar os jovens a casa são e salvos. Intervenções seguramente necessárias, e em parte salvíficas, mas que não são muito diferentes de querer delimitar um precipício com um arame farpado. Alguns se salvariam, claro, mas o precipício estaria sempre e ainda assim ali à frente [...]. O que me espanta é que ninguém, depois destes acontecimentos que se repetem, pare e diga: mas o que é que está a acontecer?».⁶²

Diante do abismo existencial, não se pode pensar que a solução seja o «arame farpado». Para preservar a vida do vazio não bastam as regras, as barreiras, os limites. Não pode ser esta a resposta para o mistério do nosso ser, e a experiência dá-nos disso uma contínua confirmação. As coisas não mudam nem mesmo se nós apelarmos, com mais requinte, àquela a que os gregos chamavam «justa medida», uma ética do limite que nos protegia de impulsos, aspirações e desejos demasiado grandes. «Gostaria que esta cultura do limite – escreve Galimberti – fosse recuperada pela nossa cultura, que não conhece limites para o desejo».⁶³

Será então o desejo um defeito a corrigir? Diante da sua imensidão, do seu excesso, que não nos dá tréguas, dos gregos aos nossos dias parece que a única estratégia possível seja redimensioná-lo. Mas esta luta mais ou menos encarniçada para o reduzir a limites aceitáveis é a confirmação mais evidente da sua dimensão estrutural, da sua inquietante exorbitância. O falhanço de todas as tentativas de refrear o desejo colocando limites, impondo regras, demonstra a sua irredutibilidade, torna visível a permanência, no fundo do nosso ser, do *cor inquietum* agostiniano.

c) Baixar a fasquia do desejo

As tentativas de reduzir e camuflar o desejo são contínuas e capilares, como faz notar Luisa Muraro: «A objeção e o engano vêm com a automoderação: que nos contentemos com pouco. O engano começa quando começamos a desvalorizar a imensidão das nossas necessidades e nos pomos a pensar que é preciso redimensioná-las às nossas forças, que são naturalmente limitadas». Consequentemente, conformamo-nos «com desejos fingidos, como os da publicidade, tendo como meta quaisquer resultados, já não concretizamos os nossos verdadeiros interesses, já não fazemos aquilo que verdadeiramente nos interessa, já não procuramos a nossa conveniência» verdadeira; «na prática, acabamos por ter mais dificuldades para ganhar menos».⁶⁴ Baixamos a fasquia do nosso desejo, tentando enganar o nosso coração. Escrevia-me um rapaz: «Eu tenho dificuldade em viver à altura do meu desejo e muitas vezes nívelo por baixo, e contento-me com muito menos». Montale dizia: «Enche-se o vazio com o inútil».⁶⁵ «Não se pode matar o tempo sem o encher de ocupações que resultam neste vazio. E uma vez que são poucos os homens capazes de olhar com olhar firme para aquele vazio, surge a necessidade social de fazer alguma coisa, ainda que essa coisa sirva apenas para anestesiar a vaga apreensão de que aquele vazio esteja representado em nós».⁶⁶

Há alguma coisa de mais decisivo hoje do que descobrir o tecido original do nosso desejo? «Aquilo que importa verdadeiramente focar – observa de Lubac – não é o tributo que, de forma mais ou menos gravosa, cada um paga à fraqueza humana: é a natureza e o alcance do seu desejo».⁶⁷ A ameaça mais insidiosa do nosso tempo é precisamente o desconhecimento da verdadeira dimensão do desejo humano; um desconhecimento que pode seguir vários caminhos e chegar de diversas maneiras, incentivado por quem tem interesse em controlar as vidas dos outros.

Lewis, com a sua sagacidade, põe este conceito na boca de Escritorpo: «Os gostos e os impulsos mais profundos de cada homem são a matéria prima, o ponto de partida com que o Inimigo [Deus] os dotou. Afastar deles o homem é pois sempre um ponto a nosso favor. Ainda que em coisas

⁶² S. Tamaro, «Fragili e soli, così cadono i nostri ragazzi», *Corriere della Sera*, 18 de outubro de 2019.

⁶³ U. Galimberti, «Il greco senso della misura», *D la Repubblica*, 16 de novembro de 2019, p. 182.

⁶⁴ L. Muraro, *Il Dio delle donne*, Mondadori, Milão 2003, pp. 31-32.

⁶⁵ E. Montale, *Nel nostro tempo*, Rizzoli, Milão 1972, p. 18.

⁶⁶ E. Montale, «Ammazzare il tempo», in Id., *Auto da fè*, Il Saggiatore, Milão 1966, p. 207.

⁶⁷ H. de Lubac, «Ecclesia Mater», in Id., *Meditazione sulla Chiesa*, vol. 8 – *Opera omnia*, Jaca Book, Milão 1979, p. 188.

indiferentes, é sempre desejável substituir pelos padrões do Mundo, ou da convenção, ou moda, aquilo de que um homem verdadeiramente gosta ou não gosta». ⁶⁸ É esta a tática diabólica: afastar-nos dos nossos impulsos mais profundos, dos nossos desejos constitutivos, distraíndo-nos. Mas a distração, usada por qualquer poder para nos separar de nós mesmos, rebenta a corda assim que a realidade volta a abalar-nos, como vimos nestes tempos do Coronavírus, rebentando a bolha dos enganos habituais. Com a distração, para usar uma frase do *rapper* Marracash que parece um epitáfio, «encho o tempo, mas não o vazio». ⁶⁹

2. A nossa humanidade

Se não acontece alguma coisa capaz de conquistar a fundo o nosso ser, despertando um interesse pela totalidade da realidade, tudo se torna estranho, como diz Joseph Roth: «A estranheza crescia em torno de cada um deles, cada um se sentava como que encerrado numa esfera de vidro, olhava para o outro e não o alcançava». ⁷⁰ Mas nem os meros discursos, sejam eles laicos ou religiosos, nem os apelos ao dever, às «coisas a fazer», mesmo que em nome da religião, conseguem resgatar-nos a fundo daquela astenia do desejo e daquele entorpecimento do interesse a que nos referimos a seu tempo.

Prova-o a carta que um jovem amigo meu me escreveu: «Descubro em mim que a maior tentação é pensar já saber a resposta para esta pergunta: “O que é que nos arranca do nada?”. Mas nos factos, estou sempre à beira do nada. Todas as coisas, até a minha namorada e o estudo, até a minha licenciatura, podem tornar-se aborrecidas, todas iguais e de alguma forma distantes [insuficientes para colmatar o desejo]. Só depois me dou conta desta indiferença [a que nem os afetos escapam] e quanto mais olho para ela, mais me parece entrar em contradição também com aquilo que penso saber. Apercebo-me de que estou rodeado pelo nada, ainda que simplesmente falando com os meus colegas de curso: o diálogo que acontece entre nós está à mercê do nada, passamos de um assunto ao outro sem nos lembrarmos já daquilo de que falávamos antes. Mas há uma coisa que percebo, diante de momentos deste género, e é que eu não sou feito para o nada. Preciso de não falar de banalidades, preciso de alguma coisa que me prenda e que me arranque do nada, mas parece-me que apenas dar-me conta disso não é suficiente para a identificar».

E, pelo contrário – digo eu – precisamente no dar-se conta de que não é feito para o nada há um elemento decisivo, indispensável, no caminho para identificar aquilo que nos arranca do nada: a descoberta da própria aspiração humana, da própria humanidade.

O que é esta nossa humanidade que não se deixa ludibriar, que não podemos enganar, à qual não podemos dar uma resposta qualquer, arbitrariamente escolhida? O engano e a distração cobrem o mal estar, mas não nos arrancam do nada. Ainda que ferida, arrogante, confusa, a nossa humanidade não se deixa confundir, não se deixa enganar pelo primeiro que passa, e isto é o sinal de que está menos confusa do que aquilo que parece. Ainda que às vezes, por falta de lealdade, ou de atenção, ou de uma moralidade última, sigamos aquilo que não é verdadeiro e nos deixemos arrastar por isso, mais cedo ou mais tarde a humanidade que existe em nós faz-nos dar conta de que seguimos uma grande ilusão, como dizia o título de um livro de François Furet, *Il passato di un'illusione (O passado de uma ilusão)*, referindo-se à ilusão do comunismo.

A nossa humanidade constitui um limite crítico, em última instância ineludível. Vemos isso na experiência. «O que me agrada na experiência – escreve Lewis – é que se trata de uma coisa muito honesta. Podemos fazer muitos desvios errados; mas se conservarmos os olhos abertos, não poderemos afastar-nos muito até que apareça a placa indicativa certa. Podemos enganar-nos a nós mesmos, mas a experiência não procura enganar-nos. O universo responde a verdade quando o interrogamos honestamente». ⁷¹ A experiência, porém, para ser assim – eis o ponto –, implica um

⁶⁸ C.S. Lewis, *Vorazmente teu*, op. cit., p. 64.

⁶⁹ «TUTTO QUESTO NIENTE – Gli occhi», di Marracash, 2019, © Universal Music.

⁷⁰ J. Roth, *Lo specchio cieco*, in Id., *Il mercante di coralli*, Adelphi, Milão 1981, p. 63.

⁷¹ C.S. Lewis, *Sorpreso dalla gioia*, Jaca Book, Milão 1982, pp. 199-200.

juízo, uma avaliação, e, portanto, um critério com base no qual o juízo pode ser formulado. Qual é o critério? A nossa humanidade. Esta não é simplesmente uma coisa que nos faz penar, um fardo que temos de carregar queiramos ou não, um abismo que não se consegue preencher e que é um entrave à nossa relação com a realidade: não, ela é precisamente o nosso critério de juízo.

Recordo ainda como exultei de alegria quando surpreendi em mim, de forma consciente, aquela capacidade de ajuizar que nos permite fazer experiência na relação com tudo. A experiência é, com efeito, um experimentar ajuizado por aquele critério que é a nossa humanidade: um complexo de exigências e de evidências originais que nos pertence estruturalmente e que se ativa na comparação com aquilo que vem ao nosso encontro. Descobri que aquele complexo de exigências e evidências que tinha em mim próprio era o critério último para ajuizar aquilo que acontecia.

É a consciência do alcance cognoscitivo da nossa humanidade que leva Giussani a dizer: «Só uma tomada de consciência atenta e também terna e apaixonada de mim mesmo me pode abrir de par em par e dispor-me a reconhecer»,⁷² a identificar aquilo por que vale a pena viver. Devíamos perguntar-nos se a mesma paixão, atenção, ternura caracterizam o nosso olhar sobre nós mesmos: às vezes quase que parece que se trata de uma coisa de outra galáxia diferente daquela em que nos encontramos. Que choque ouvir então Giussani afirmar: «Como é humano o humano, como é humana a humanidade!».⁷³ Como é humana a minha humanidade! Muitas vezes temos medo, não paixão pela nossa humanidade, porque nos encontramos confusos, incapazes de identificar a verdade, e no fim tudo se esfuma no abstrato. «Mergulhou numa espécie de profunda indiferença, que poderia até ser definida como torpor, e caminhava sem prestar atenção ao que o rodeava, e sem sequer manifestar o desejo de reparar nalguma coisa».⁷⁴

Quanto mais colocamos entre parêntesis a nossa humanidade, mais hesitantes ficamos em reconhecer o valor daquilo que nos acontece, incertos sobre a direção a tomar. É o contrário daquilo que o poeta espanhol Jesús Montiel notou com comoção nos seus filhos, no tempo do Coronavírus: «Os meus filhos nunca deixam de me surpreender. Durante o confinamento, não se queixaram uma única vez, ao contrário de nós, adultos. Aceitam a situação porque a verdadeira normalidade de uma criança é a sua família. Observei que uma criança que cresce num contexto de amor – que não é necessariamente perfeito – não aspira a muito mais. [...] Bastam-nos vocês, dizem. [...] As crianças, julgo eu, são a prova de que não somos feitos para projetos, mas para viver amando e sendo amados. Só assim a situação contingente tem um sentido e o presente não colapsa».⁷⁵

As crianças captam com facilidade aquilo de que precisam para viver: a presença dos pais. Enquanto que nós, adultos, paradoxalmente, temos dificuldade e resvalamos muitas vezes para as queixas. Há, obviamente, adultos que conservam e aprofundam a humanidade simples das crianças. Ety Hillesum é disso um exemplo luminoso. No seu *Diário*, escreve: «Meu Deus, agradeço-te porque me criaste assim como sou. Agradeço-te porque às vezes fico tão cheia de vastidão, daquela vastidão que não é senão o facto de o meu ser estar cheio de ti».⁷⁶

3. «A arte de “sentir” o homem todo»

Quem de nós não sente, todos os dias, pelo menos um momento de verdadeira ternura para consigo mesmo, para com a sua humanidade? Muitas vezes maltratamo-nos, viramo-nos zangados contra a nossa humanidade, que não se deixa seduzir pela mentira: queríamos fugir-lhe e, por outro lado, não conseguimos eliminá-la. Expressa-o bem a frase que, na *La gaia scienza (A gaia ciência)*, Nietzsche põe na boca do viandante: «Este ardente desejo da verdade, do real, do não aparente, do certo! Como o odeio!».⁷⁷

⁷² L. Giussani, *Na origem da pretensão cristã*, Tenacitas, Coimbra 2012, p. 13.

⁷³ L. Giussani, *Affezione e dimora*, Bur, Milão 2001, p. 42.

⁷⁴ F. Dostoievski, *Delitto e castigo*, op. cit., p. 5.

⁷⁵ J. Montiel, *The Objective*, 2 de abril 2020.

⁷⁶ E. Hillesum, *Diário. Edizione integrale*, Adelphi, Milão 2012, p. 271.

⁷⁷ «Dieser Hang und Drang zum Wahren, Wirklichen, Un-Scheinbaren, Gewissen! Wie bin ich ihm böse!». Tradução do

Por isso sempre me impressionou a frase de João Paulo II: «*A ternura é a arte de “sentir” o homem todo*». ⁷⁸ Este «sentir» o homem todo é essencial para viver e é o contrário do sentimentalismo. Mas é «raro encontrar – diz Giussani – uma pessoa cheia de ternura para consigo!». ⁷⁹ Se tentarmos contar quantas conhecemos, talvez só levantássemos alguns dedos de uma das mãos. Hoje prevalece muitas vezes a raiva, a violência, para conosco e para com os outros, tal como para com a realidade.

No entanto, aquilo que todos os homens desejam experimentar é precisamente esta ternura para com a sua humanidade, como escreve Camus no *Calígula*: «Tudo é tão complicado. E no entanto, tudo é tão simples. Se tivesse tido a lua, Drusilla, o mundo, a felicidade, teria sido diferente. Tu sabes, Calígula, que podias ser terno. A ternura! Mas onde encontrar tanta que satisfaça a minha sede? Onde encontrar um coração profundo como um lago? [...] Não há nada neste mundo, nem no outro, que esteja à minha altura. E no entanto sei, e tu sabe-lo também [...], que me bastaria o impossível. O impossível! Procurei-o nos confins do mundo e de mim mesmo [é o que todos procuramos] [...] estendo as minhas mãos e é a ti que encontro, sempre a ti, como uma cuspidela no meu rosto. Tu no clarão esplêndido e doce das estrelas [...] tu que és para mim como uma ferida que eu queria arrancar de mim com as unhas». ⁸⁰

Se não encontramos “alguma coisa” que nos permita ter esta ternura para com a nossa sede, para com a nossa humanidade, acabamos por vê-la como uma ferida que desejaríamos arrancar de nós – exatamente o contrário de um amor –. Mas por que é que queríamos arrancá-la de nós? Para não sentir o drama, para o atordoar o mais possível, para não nos darmos conta da insuficiência de todas as coisas em que depositamos as nossas expectativas, para não precisarmos de ter em conta a desproporção entre aquilo que desejamos e aquilo que conseguimos obter. Como diz Camus: «Não há nada que esteja à minha altura», ou como canta Guccini, referindo-se à relação amorosa: «Vês querida, é difícil de explicar, / é difícil perceber se não percebeste já... // Tu és muito, ainda que não sejas suficiente, / [...] tu és tudo, mas esse tudo é ainda pouco». ⁸¹

Esboça-se então a alternativa: a ternura («a arte de “sentir” o homem todo») ou o ódio para com a nossa humanidade («uma ferida que queria arrancar de mim»). Quantas vezes nos martirizamos porque não conseguimos manter a nossa humanidade sob controlo, comprimí-la: mesmos com todos os esforços para a calar, quando menos esperamos explode, faz-se ouvir.

O *Miguel Mañara* de Milosz narra esta experiência de forma exemplar. Mañara abandona-se à vida dissoluta, mas isso não consegue preencher o abismo da sua humanidade, do seu desejo. «Arrastei o Amor no prazer, e na lama, e na morte [...] Mastigo a erva azeda da rocha do tédio. Servi Vénus com furor, depois com malícia e náusea [...] Com certeza que, na minha juventude, procurei tal como vocês a miserável alegria, a estrangeira inquieta que vos dá a sua vida e não diz o seu nome. Todavia depressa nasceu em mim o desejo de perseguir aquilo que vós jamais conhecereis: o amor imenso, tenebroso e doce. [...] Ah! Como preenchê-lo, este abismo da vida? O que fazer? Porque o desejo continua aí, mais forte, mais louco que nunca. É como um incêndio no mar soprando a sua chama no mais profundo do negro nada universal!» ⁸² O desejo permanece, persiste, mais forte do que nunca, apesar de tudo. É esta a surpresa, dizíamos. Não se extingue: quanto mais uma pessoa vive, tenta, procura apagá-lo ou atordoá-lo, mais ele cresce.

Nada, para Agostinho, é comparável à profundidade do coração humano, que vibra em cada um de nós: «Se o abismo é uma profundidade, não consideramos o coração humano um abismo? O que há de mais profundo do que este abismo? Os homens podem falar, podem ser vistos através do movimento dos seus membros, podem ser ouvidos quando falam; mas quem pode penetrar no seu pensamento, examinar o seu coração? O que este faz dentro de si, o que pode, o que medita, o que dispõe, o que quer e o que não quer, quem o compreende? Considero por isso bem razoável que por abismo se deve

autor. (Cfr. F. Nietzsche, *La gaia scienza*, Adelphi, Milão 1995, p. 223).

⁷⁸ K. Wojtyła, *Amor e responsabilidade*, Edições Loyola, São Paulo 1982, p. 183.

⁷⁹ L. Giussani, *Un avvenimento di vita, cioè una storia*, Edit-Il Sabato, Roma-Milão 1993 p. 457.

⁸⁰ A. Camus, «Calígula», in Id., *Tutto il teatro*, Bompiani, Milão 1993, pp. 113-114.

⁸¹ «Vedi cara», letra e música de F. Guccini, 1970, © EMI.

⁸² O.V. Milosz, *Miguel Mañara. Mistério em seis quadros*, Edição Meeting de Lisboa, Lisboa 2016, pp. 10-11.

entender o homem, acerca do qual noutra passagem foi dito: “O homem sondará a profundidade do coração e Deus será exaltado”». ⁸³

Mas então – repetimos ainda mais uma vez – o que é que nos arranca do nada, o que é que pode preencher este abismo da vida, este desejo irreduzível, incómodo e sublime, «ainda maior do que este universo», ⁸⁴ sinal do humano que há em nós, que desmascara a parcialidade, a insuficiência das nossas tentativas?

⁸³ Cf. Santo Agostinho, *Exposição sobre os Salmos*, 41,13.

⁸⁴ G. Leopardi, «Pensieri», LXVIII, in Id., *Poesie e prose*, op. cit., p. 321.